



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE
CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ADELMA DOMINGOS DA SILVA

**A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DA MORTE EM
CAMPINA GRANDE: cemitérios como espaços de sociabilidade.**

CAMPINA GRANDE – PB
2016

ADELMA DOMINGOS DA SILVA

**A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DA MORTE EM
CAMPINA GRANDE: cemitérios como espaços de sociabilidade.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura em história da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Adelma Domingos da
A resignificação dos espaços da morte em Campina Grande
[manuscrito] : cemitérios como espaços de sociabilidade / Adelma
Domingos da Silva. - 2016.
26 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque
Gaudêncio, Departamento de História".

1. Resignificação. 2. Sociabilidade. 3. Cemitério público.
4. Cemitério privado. I. Título.

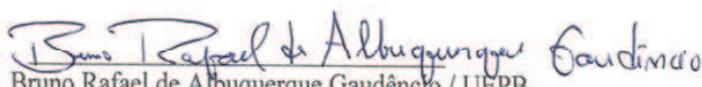
21. ed. CDD 361.9

**A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DA MORTE EM
CAMPINA GRANDE: cemitérios como espaços de sociabilidade.**

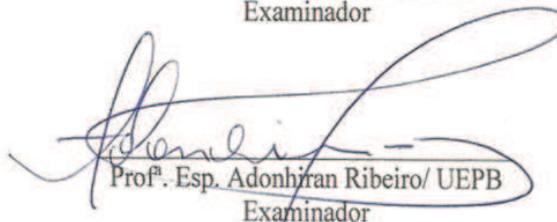
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação Licenciatura em história da
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento
à exigência para obtenção do grau de Licenciado
em História.

Orientador (a): Bruno Rafael de Albuquerque
Gaudêncio

Aprovada em 21/05/2016


Prof.º Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio / UEPB
Orientador


Prof. Msc. Matusalém Alves de Oliveira / UEPB
Examinador


Prof.º Esp. Adonhiran Ribeiro/ UEPB
Examinador

Resumo

Nessa última década a cidade de Campina Grande-PB recebeu de uma iniciativa privada a construção de um cemitério chamado Campo Santo da Paz. Partindo desse pressuposto, minha inquietude com esse trabalho é fazer uma análise das ressignificações que os espaços da morte, em uma contraposição do antigo com novo da cidade de Campina Grande, vêm sofrendo ao longo desses últimos 10 anos, buscando entender como os espaços da morte vêm recepcionando seus mortos e atuando como locais de sociabilidades. Para realização da nossa pesquisa, foi necessário fazer uma releitura das bibliografias que trabalham as concepções da morte e dos cemitérios. Utilizei-me da perspectiva teórica da Nova história Cultural, a fim de entender as relações culturais existentes entre uma sociedade e seus cemitérios. Enquanto metodologia fiz a opção pelo método da observação participante, além de me apropriar de algumas entrevistas dadas as emissoras de TV da cidade de Campina Grande sobre o tema, além de fotografias. Como conclusão, temos: os cemitérios são espaços que fazem parte do imaginário sociocultural dos campinenses e são revestidos de sentido de sociabilidade, uma vez que são espaços ligados ao cotidiano da cidade.

Palavras-Chave: Ressignificações, espaços de sociabilidade, cemitérios público e privado.

Abstract

In this last decade the city of Campina Grande-PB received from a private initiative to build a cemetery called Peace Campo Santo. Based on this assumption, my concern with this work is to analyze the reinterpretation that the spaces of death, in a contrast of old and new city of great Campina, they have suffered over these past 10 years, seeking to understand how the death spaces come entertaining their dead and acting as sociabilities sites. For realization of my research, it was necessary to make a reinterpretation of bibliographies working conceptions of death and cemeteries. I used me from the theoretical perspective of the New Cultural history in order to understand the existing cultural relations between a company and its cemeteries. While methodology made the choice of the method of participant observation, and I appropriated some interviews given the TV stations of the city of Campina Grande on the subject, as well as photographs. In conclusion, we have: cemeteries are spaces that are part of the social and cultural imaginary campinenses and are coated sense of sociability, since they are connected to the daily spaces of the

Keywords: reinterpretation, social areas, public and private cemeteries.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REFERENCIAL METODOLÓGICO	9
3. AS RESSIGNIFICAÇÕES DOS ESPAÇOS DA MORTE	11
3.1 Ressignificações dos cemitérios de Campina grande: espaço público e privado	14
3.2 Cemitérios e sua atuação como espaços de sociabilidade	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	25
ANEXOS	27

1. INTRODUÇÃO

Nessa última década a cidade de Campina Grande na Paraíba recebeu a construção de um cemitério de iniciativa privada, chamado de Campo Santo Parque da Paz. Aqui até então o espaço da morte mais importante da cidade era o cemitério público Nossa Senhora do Carmo, mais conhecido como cemitério do Monte Santo, espaço que abriga em suas lápides grandes personalidades e pessoas da elite local. Desde que foi criado o espaço privado um grande número de pessoas retiraram os restos mortais de seus familiares do espaço público e levaram para esse novo espaço privado, diante desse fato no mínimo curioso proponho-me a pesquisar quais as razões e principalmente qual o significado ou ressignificações tem esse espaço da morte para a cidade de Campina Grande. Minha inquietude é entender como esses espaços, dedicados aos mortos servem de espaços de sociabilidades para a sociedade campinense.

A morte foi um dos acontecimentos que causou interesse em vários autores e historiadores, pois existe uma corrente historiográfica que trata sobre a morte. Mas nem sempre tratar de temas como religião, morte, sexualidade foi visto com bons olhos pela historiografia internacional e brasileira. Para ser mais precisa o tema vai ser mais destacado a partir do século XX, com as tradições da escola dos Annales, sendo somente então a partir daí que vão surgir correntes como a história das mentalidades e posteriormente, história cultural partindo de precursores com o italiano Carlo Ginzburg, e Edward P. Thompson bastante ligado à história das mentalidades e sociocultural respectivamente, vão ser eles os grandes precursores da corrente que ganhou grande destaque nas últimas décadas do século passado, no Brasil dando origem a chamada “nova história” ou nova história cultural uma derivação da história das mentalidades, que se distanciou da história das mentalidades em virtude da mesma não alcançar todos os princípios almejados pelos culturalistas que vão dar maior ressignificação a aspectos da experiência vivida, e aos anseios de explicar o real, como afirma o historiador Cristiano de Sousa a história cultural buscava estudar as representações nas suas mais variadas formas, sejam elas literárias, iconográficas, musicais, religiosas, etc. visto que as correntes anteriores apresentavam-se como seus paradigmas “ultrapassados”.

É a partir da história cultural que temas antes deixados de lado pelas correntes positivistas e da segunda geração dos Annales como a morte, religiosidade, sexualidade etc.

que historiadores passaram a desenvolver seus trabalhos seguindo essas inquietações. Tratando do tema morte e tudo que faz parte da cultura da morte, existem inúmeros trabalhos nesse sentido, como os trabalhos dos historiadores Philippe Ariés e Ednalva Maciel Neves, o homem diante da morte, e Alegorias sobre a morte: a solidariedade familiar na decisão do lugar de “bem viver” e também o da doutora em geografia Solimar Guindo Messias Bonjardim, eles que buscaram entender os aspectos que envolvem a morte, aspectos esses que vão além da particularidade do falecido, mas que envolvem o social, e cultural uma vez que a morte desde os primórdios apresenta-se como um acontecimento, evento, e até mesmo um espetáculo. Ultrapassa o caráter individual e passa ao coletivo e simbólico, expondo representações que orientam as atitudes e os comportamentos da família e do social diante da morte. A morte e suas representações estão entrelaçadas ao social e ao cultural.

É nessa perspectiva que proponho a analisar o espaço da morte em Campina grande, quanto as suas particularidades culturais e sociais, analisando seu caráter coletivo e simbólico para os campinenses.

Esse é um trabalho sobre a resignificação dos espaços da morte na cidade de Campina Grande, no período de 2005-2015, o qual busca apresentar as mudanças na forma como os campinenses estão vendo e utilizando os cemitérios na cidade. Minha escolha pelo tema se deu a partir da minha inquietude em observar mudanças nos hábitos dos habitantes da cidade, sobretudo após a chegada de espaço privado para seus mortos e o aumento do número de transferência do espaço publico para esse novo espaço privado.

Busco com esse trabalho contribuir para academia, de modo que a mesma tenha uma pesquisa recente, na área da história cultural contribuindo assim para o aumento dos trabalhos nessa corrente historiográfica, uma vez que a maioria dos trabalhos acadêmicos da instituição se inseriu em história política e econômica. Mas a história cultural ganhou bastante destaque no Brasil a partir dos anos de 1980, e também bastante visibilidade na academia nos últimos anos. Assim espero contribuir para seu acervo nesse campo de pesquisa, a partir da análise das concepções que a sociedade campinense, cidade da qual a instituição faz parte. Para tanto foi necessário fazer uma revisão bibliográfica de trabalhos feitas nessa linha teórico-metodológico, assim como uma revisão de trabalhos bibliográficos que adotam o tema cemitérios como centro de sua pesquisa.

Os cemitérios são espaços que ajudam a contar um pouco da história da cidade e que abrigam muitas personalidades importantes de sua história. Os cemitérios e suas significações fazem parte da cultura e do imaginário da população desde os primórdios, busco também contribuir nesse sentido para que a sociedade de Campina Grande entenda como aquele espaço que faz parte do coletivo social ao longo dessa última década vem ganhando novos significados, e como a chegada do espaço privado mudou os olhares sobre esses espaços.

Meu trabalho foi dividido em três capítulos, onde faço uma releitura bibliográfica de alguns autores que trabalham o tema da morte e dos cemitérios, busquei analisar as ressignificações dos espaços da morte, analisar como os cemitérios podem atuar com espaços de sociabilidade e como, e os novos significados atribuídos aos cemitérios de Campina Grande, fazendo uma contraposição do espaço público com o privado.

2. REFERENCIAL METODOLÓGICO

Muitos autores vêm trabalhando as questões de práticas sociais e práticas cotidianas, buscando entender como a sociedade vem mantendo ou rompendo com tradições ligadas à morte e ao local “do bem morrer,” levando em consideração esses trabalhos, busco dialogando com alguns autores estabelecidos numa ligação epistemológica com meu trabalho de pesquisa, buscando assim objetivar quais as práticas que se encere, dentro do contexto dos espaços da morte e as práticas sociais ligadas a esses espaços.

Dentro desse campo teórico apresentam-se vários trabalhos que aproprio como base epistemológica para meu trabalho. Um deles é as pesquisas e conceitos trajados pelos historiadores Michael de Certeau em 1994 e Roger Chartier em 1990. Em seu trabalho a invenção do cotidiano, Certeau busca analisar as mudanças relacionadas às vivências e práticas muitas delas relacionadas ao cotidiano das pessoas, fazendo uma análise para entender como as pessoas buscavam individualizar as culturas e rituais que normalmente se apresentam a um coletivo, isso vai desde as práticas culturais, até as questões relacionadas à família e as leis. Ambos buscam tornar essas práticas que são do coletivo ao mundo dos acontecimentos privados. Assim o Certeau vai analisa as práticas cotidianas das pessoas em diferentes acontecimentos e situações que envolver as práticas culturais e sociais.

Meu trabalho não visa diretamente à constituição de uma semiótica. Consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos

consumidores, supondo, no ponto de partida, que são do tipo tático. Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas tática: gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos. (CERTEAU, 1994,p.103)

Assim é possível compreender que o conceito de cotidiano trabalhado pelo Certeau se coloca como práticas que levam as pessoas a manipularem e persuadirem os demais indivíduos. Seu trabalho utilizou também teóricos como Kante, Bourdieu. Nesse sentido o cotidiano ou o que ele chamou de “invenção do cotidiano” são aquelas práticas que fazem parte de uma cultura, religião, rituais sagrados, fúnebres e todas as práticas que a princípio parece esta esquecida ou despercebida, mas que em seu trabalho ele revela que essas práticas são mantidas por grupos que tentam a todo o momento reconstruí-las e reafirmar seus rituais mesmo que para isso seja necessário à anulação de algumas práticas sociais de cunho coletivo.

Outro autor indispensável para nossa pesquisa foi o Roger Chartier, através do seu trabalho, “A história cultural entre práticas e representações” que foi publicado em 1990, expõe essa variação da história cultural fazendo uma ligação direta com as práticas sociais que moldam as sociedades, e mostra que o objetivo da história cultural é buscar entender com tais práticas representações, e símbolos estão ligados ao imaginário cultural de uma sociedade, só assim é possível entendermos como uma sociedade se constrói. “O objeto da história cultural é, segundo Chartier, “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

O Chartier mostra que as práticas são o que permite conhecer um pouco de determinada sociedade, assim como as representações é o que define, separa, delimita o espaço social. Pois as percepções não são neutras e faz parte de uma seletiva social, essas representações e práticas são colocadas pelo Chartier, como uma luta social no qual se impõe ou busca se impor suas concepções de mundo social seus valores e conceitos.(CHARTIER, 1990,p.17).

Quando busquei encaminhar nossa pesquisa sobre a ótica da história cultural tinha o objetivo de entender quais relações sociais são criadas e estabelecidas mesmo após a morte, considerando as práticas e os locais da morte (cemitérios) como alvo da nossa pesquisa, uma vez que esses locais servem como locais de representações e práticas cotidianas.

E sobre essa ótica, levando na bagagem as contribuições do Chartier e do Certeau, vemos que a história cultural deve ser vista sobre duas vertentes, uma delas é a concepção do imaginário e do poder de persuasão dos indivíduos, em impor ao seu grupo valores e conceitos considerados superiores, e a outra é a variada abordagens que se dão ao tentar criar uma singularidade ou regularidade nas práticas sociais. A história cultural sempre vai se deparar com um caminho bifurcado entre a objetividade e a subjetividade.

Também me valendo do Michel de Certeau, as práticas culturais são mais subjetivas do que objetivas, uma vez que segundo o autor os sujeitos se apropriam de práticas culturais transformando-as e reinventando-as através de táticas e estratégias pré-estabelecidas pelos sujeitos.

Partindo da revisão bibliográfica das obras do Certeau de 1994 e do Chartier de 1990 e das observações feita com o intuito de complementar minha pesquisa participativa, sobre as práticas culturais e as relações socioculturais que são estabelecidas, foi capaz de concluir que essas práticas culturais são resultados de conceitos trajados pelo imaginário coletivo e assim formulam os conceitos e práticas de uma determinada sociedade.

3. AS RESSIGNIFICAÇÕES DOS ESPAÇOS DA MORTE

Muitos autores trabalham a questão de prática social relacionada às permanências e continuidades de ritos religiosos, fúnebres e culturais, é nesse sentido que busco analisar baseando-me em alguns desses trabalhos para a realização de nossa pesquisa. Um desses trabalhos é “O Homem Diante da Morte” publicado em 1977 do historiador francês Philippe Ariés, que vai destacar como as sociedades buscaram lidar com algumas práticas, tais como investigar como o recepcionar a morte era visto pela sociedade ocidental. O Ariés não utiliza um marco cronológico, pois considera que essas práticas não obedecem a uma linha linear, pois as considera uma prática milenar que vem sobrevivendo com o passar dos tempos e que são sempre reabilitadas por um grupo, por uma família ou por uma sociedade inteira. O historiador busca analisar que as práticas sociais e a visão que a sociedade tinha da morte, vai ganhando novas roupagens até chegar às permanências que conhecemos e vivemos nos dias atuais.

O Philippe Ariés em seu trabalho *Os Homens diante da Morte*, de 1977, faz uma análise de como o homem (sociedade) está enfrentando os dilemas da morte, e um dos dilemas que a morte proporciona para seus vivos é a preocupação com o descanso eterno de seus familiares e até mesmo sua própria morte, é nesse momento que os cemitérios aparecem com espaços de escolha, hoje os familiares não tem apenas a oferta do espaço público, mas também de espaços privados, e dos crematórios que aparecem cada vez mais recebendo adeptos na sociedade ocidental. Tais locais além de se encarregarem do descanso de seus mortos eles também proporcionam um conforto aos familiares, e acabam atuando de forma sistemática como espaços de sociabilidade entre seus familiares nos ritos fúnebres que antecedem o sepultamento.

A morte na antiguidade era vista como algo que era avisado previamente, pois ser pego de surpresa pela morte era sinônimo de desgraça e vergonha, acreditava-se que a morte mandava aviso, e essa crença é percebida até os dias atuais, (ARIÉS, 1977, p.12) por isso existe uma preocupação com “bem morrer” e essa preocupação é revestida pela compra de sepulturas e reservas tanto em espaços públicos como espaços privados, além de todos os demais serviços que são fornecidos á familiares, para que o descanso de um familiar querido seja o melhor possível e que sua morte não traga desconfortos, uma vez que já existe uma previa preparação de um espaço reservado para o seu descanso eterno.

O morrer para o Philippe Ariés, envolve todas as práticas desde rituais fúnebres, cemitérios, mitos e crenças familiares. Antes os mortos não precisavam de cemitérios, pois as igrejas serviam de túmulos para seus mortos, mas a partir do século XIX, foi proibida a prática de enterrar pessoas dentro das igrejas e assim surgiram os espaços exclusivamente ligados ao morto e seu descanso. Os cemitérios vieram a ocupar um lugar de destaque nas cidades, uma vez que houve a necessidade de criação de um espaço público criava-se também outras preocupações além do morrer, mas também o pós morte o local de visitação. A imagem dos cemitérios está ligada a lamentações, sofrimentos e despedidas ocasionando assim um surgimento de um espaço de sociabilidade entre os familiares e parentes próximos ou distantes ou mesmo entre aqueles que visitam túmulos de pessoas “ilustres” de determinada sociedade, ou apenas são admiradores das artes e arquiteturas feitas nos mausoléus.

Os cemitérios sempre estiveram ligados ao social e ao cultural, ao imaginário popular e passaram a expressar relações de poder, em meados do século XIX, quem não possuísse

posses financeiras, não conseguiria comprar um mausoléu perpetuo para família, mas apenas um pedaço de terreno e isso foram tornando-se cada vez mais humilhante e segregacionista.

Os cemitérios passaram a ganhar novos significados, as pessoas os visitavam não somente para recolhimentos e sentimentos de saudades, mas para admiraram as obras de artes que ornamentavam os mausoléus (ARIÉS, 1977).

Na cidade de Campina Grande, no final do século XIX, a sociedade passou por algumas mudanças relacionadas aos seus cemitérios, antes das construções desses espaços, assim com em toda a Paraíba, os locais de sepultamentos eram em sua grande parte terrenos distantes dos centros urbanos e ao lado das igrejas. A Igreja matriz de Campina Grande por muito tempo serviu de espaço de sepultamento de seus para seus mortos, o terreno ao lado da matriz, utilizado atualmente como estacionamento até meados do século XIX, era local reservado a sepultamentos, o local separava os corpos de acordo com sua posição social.

Com a emergência de criação de espaços públicos de sepultamentos em virtude de uma grande peste de cólera ocorrida por volta de 1886, foi criado pela câmara legislativa a lei estadual nº 9, de 12 de setembro de 1857 no qual constava em seu artigo nº 12 que “É proibido nesta vila e suas povoações o enterramento nas igrejas, devendo ser em cemitério, ou campo para esse fim destinado, que seja fora dos povoados e em sepulturas bastante fundas”(blog, Retalhos de Campina Grande) .

É a partir desse artigo da lei estadual que começa um processo de ressignificação dos espaços da morte em Campina Grande, com a criação do cemitério publico das Boninas ou cemitério velho como ficou mais conhecido. O cemitério surgiu para atender uma sociedade de aproximadamente 2.000 habitantes, mas diante a emergência pela qual tinha sido construído logo veio a ficar esgotados os espaços, e em 1899 já não era mais possível abrir novas covas e surgiu novamente a preocupação com o espaço da morte na cidade de Campina Grande. O então prefeito João Lourenço Porto e o beato Monsenhor Sales, decidiram pelo local onde seria construído o novo espaço de sepultamentos da cidade.

A grande preocupação com o novo espaço com a busca por terrenos e espaços destinados as famílias que possuíam poder aquisitivos, para guardar seus mortos em grandes lápides, levou o cemitério novo a ganhar muita visibilidade enquanto isso o antigo, ou velho cemitério, foi desativado em 1923 e passou a ser chamado o cemitério desativado das Boninas, encontrava-se abandonado, seus muros haviam caído e seu espaço estava sendo

desrespeitados por vândalos que entravam e violavam seus túmulos e mausoléus então foi demolido em 1931. Restou para aqueles que ali descansavam o sonho eterno uma vala comum onde foram depositados os restos mortais dos que estavam sepultados no cemitério das Boninas, em um ato desonroso e profano.

Em seu local foram construídos galpões e indústrias, esse episódio mostra que os significados atribuídos aos espaços da morte em Campina Grande passaram por um longo caminho até chegar a uma construção de valorização de um local que vai além do espaço físico, mais que é carregado de simbolismo, sincretismo religioso, imaginário popular, lembranças, saudades e personalidades que fazem parte da construção histórica de uma sociedade.

Os cemitérios são espaços que segundo o Philippe Ariés, transmite em suas sinuosas, ruas, lápides, túmulos, mausoléus, uma expressão de um patrimônio histórico cultural, que é configurada por seu valor material e imaterial, uma vez que o cemitério é o local da construção de um passado que se desloca e insere-se no presente.

As expectativas a respeito da morte e dos cemitérios envolvem, muito mais uma visão sociocultural do que somente um sincretismo religioso, a morte faz uma ligação com o mais misterioso destino do homem, e é por isso que com o passar dos tempos os cemitérios continuam a ser lugares de visitação, devoção e para com os que ali descansam. Para o Ariés os cemitérios podem servir a alguns dos mais elevados desígnios da religião e da humanidade. Pode dar lições que ninguém pode se recusar a ouvir, todo vivo deve escutar. (ARIÉS 1977.p.579).

3.1 Ressignificações dos cemitérios de Campina grande: espaço público e privado

Os cemitérios de Campina Grande vêm ganhando novos significados desde o final do século XIX e o início do século XX, quando ocorreu a transferência do espaço de sepultamento do cemitério das Boninas para o cemitério de Nossa Senhora do Carmo, recém-construído pelo então prefeito o João Lourenço Porto, em 1895, uma vez que o espaço anterior não disponha mais de locais para novos sepultamentos. O cemitério Nossa Senhora do Carmo, ou Cemitério do Monte Santo como é popularmente conhecido, passou a abrigar os restos mortais dos campinenses, assim como também em 1931, os restos mortais que haviam anteriormente sido sepultados no cemitério das Boninas. Pois o então prefeito Lafaiete Cavalcante, em um ato desrespeitoso e indiferente ordenou que os restos mortais dos que jaz

ali fossem transferidos em barris, para o espaço novo (Cemitérios do Monte Santo) e lá fossem sepultados em uma vala grande comum a todos, ali foram juntos sepultados, sem nenhuma descrição ou distinção. (Blog Retalhos de Campina Grande).

Atualmente a cidade de Campina Grande, conta com oito espaços de sepultamento público, mais o de maior destaque é o cemitério do Monte Santo, por sua trajetória histórica e por abrigar em suas lápides personalidades importante da histórica dos campinenses como os principais políticos, intelectuais e religiosos. É o cemitério público da cidade mais visitado durante o dia de Finados, abriga um belíssimo acervo de verdadeiras obras de artes, e arquitetura em seus sepulcros, fato que leva muitos a visitares o espaço são justamente essas expressões artísticas dedicadas ao que ali fizeram sua última morada.

Segundo a pesquisadora e escritora Clotilde Tavares, desde a antiguidade o homem cria túmulos que são verdadeiras obras monumentais, e são essas obras que dão um sentido mais singelo ao local que normalmente é tingido de macabro, mórbido e sombrio, e os transforma em um espaço de interação e encontro de familiares deixando de servir apenas como locais dos mortos, mas também de espaços de sociabilidades entre os que vivem.

Os cemitérios atualmente atuam não somente como depositórios de restos mortais, mas cada vez mais como locais de aparo para os familiares, que diante da notícia facunda da morte de um parente querido, se encontram desamparados emocionalmente, e são exatamente nesses aspectos de suportes sociais que os cemitérios estão investindo, pois sua finalidade ultrapassa o sentido antes empregado e estendem-se a um espaço de comunhão e relações socioculturais. Segundo a antropóloga Ednalva Maciel Neves, a morte e seus espaços estão mais fixados no sistema cultural do que no religioso.

Ao sistema cultural atribui-se a sutil articulação entre a dimensão da vida e o fenômeno da morte, assumindo o papel de duplo convencimento: tanto para o moribundo, quanto para os que ficam. Instituem-se variados mecanismos culturais – próprios do universo do imaginário e do simbólico – que oferecem aos sobreviventes o sentido para a vida após a morte do outro. Por sua vez, as formas como as sociedades se organizam para domar o evento também expressam as diferenças presentes no interior das formações sociais. Refiro-me, por um lado, à coexistência de formas diversas de atribuir sentidos a morte, representadas pela ordem cultural e refletindo a natureza coletiva e consensual da formação social e das formas de enfrentamento da morte. (Neve, 2004. p.57)

A Ednalva Maciel Neves em seu trabalho “Alegorias sobre a morte: a solidariedade familiar na decisão do lugar de bem morrer” publicado em 2004. Vai trabalhar o conceito de

lugar para uma boa morte, o que a autora chama de “bem morrer” e também faz uma análise do morrer em casa uma prática antes comum da cidade de João Pessoa na Paraíba, assim como analisou os diversos acontecimentos e articulações para os vivos que envolvem o um ritual fúnebre para aquele parente após sua morte, visto que a permanência cultural de sua família deve ser mantida e respeitada mesmo no morrer e nos espaços da morte. É esse sentido trabalhado pela Neves, que os cemitérios buscam atuar, trazendo conforto não para os mortos mas também para os vivos. Os sepultamentos e ritos fúnebres estão entrelaçados de sentidos ligados às práticas sociais de relacionamento com seus mortos. “Esta reunião em torno do falecido garante a afirmação do grupo pelo fortalecimento das relações sociais e dos valores, regras e costumes. O sistema cultural de morte configura-se, como uma instituição de coesão social, expressa pela solidariedade entre indivíduo diante da morte” (NEVES, 2004 P.04)

A morte sempre fez parte do imaginário familiar, e sempre esteve presente no imaginário coletivo. É nesse sentido que os cemitérios atuais buscam se inserir principalmente os espaços privados. Nessa última década a cidade de Campina Grande recebeu de uma iniciativa privada o cemitério Campo Santo Parque da Paz, construído em 2005, o mesmo vem ganhando visibilidade e sendo bastante aceitos pelos campinenses, principalmente os das classes mais abastadas.

Os espaços privados vêm assim como a Neves expõe no seu trabalho investindo no “bem morrer” e “bem viver”, é um espaços preocupado em acomodar os parentes vivos tanto quanto os próprio falecidos, o cemitério atua como um espaço de sociabilidade uma vez que o local é revestido de social e familiar, disponibilizando desde de um serviço que faz todo o processo burocrático do sepultamento ate, a disponibilidade de suítes para acomodar familiares durante os ritos fúnebres, além de lanchonetes, auditórios e capelas que missas realizadas mensalmente. O cemitério vem recebendo muitas das pessoas ilustre da cidade que morreram nessa última década, e essa busca esta estreitamente ligada com a busca do morrer bem do sentido cultural e social que o espaço expressa e ate mesmo como a posição social pela qual fica evidente os que ali descansam o sono eterno.

Os estudos apresentados pela autora são resultados de pesquisas antropológicas realizadas por alguns autores como o Hertz (1978), Mauss (2003) e Thomas (1993) que em seus trabalhos buscaram constituir um imaginário coletivo em torno das considerações

familiares sobre sentido da morte e como é feita a escolha do local de descanso de seus mortos.

Cemitérios são aqueles espaços quase sempre ligados ao sentimento do “bem viver ou bem morrer”, pois a morte possui algumas ligações e está enraizado na sociedade e sempre ocupou um lugar de destaque em suas preocupações durante o viver, e se perpetua com seus familiares após a morte de um parente querido. (NEVES, 2004 p.69)

Esse trabalho que se inserem na temática do local do “bem morrer”, utilizando a expressão de João José Reis (1991, p. 89) é uma busca pela valorização que esses espaços possuem dentro de uma sociedade, e uma análise das variações de sentidos adotados em torno dos cemitérios ao longo do tempo. Em campina Grande ocorrem varias mudanças no sentido da valorização dos espaços da morte, e nessa ultima década a cidade ganhou mais um espaços de sepultamento que denota uma valorização com seus mortos e um cuidado com a construção do coletivo de seus vivos, pois os cemitérios são locais de sociabilidade, de saudades e memórias para com seus mortos e de encontros e reencontros para com seus vivos.

Antes no inicio do século XX, os cemitérios eram vistos como locais de depósitos de restos mortais, mais a cultura ocidental vêm desmistificando e ressignificando esses espaços, e colocando-os em uma realidade mais próxima das preocupações dos vivos, em relação a construções de espaços que sirvam de túmulos, mas também ao coletivismo dos vivos.

3.2 Cemitérios e sua atuação como espaços de sociabilidade

Existem outros trabalhos que envolvem pesquisas com relações às práticas sociais e culturais das sociedades com relação a sua postura diante da morte. Solimar Guindo Messias BONJARDIM, Lápides, “ossos e miasmas: a reinvenção na sociedade brasileira” de 2006. O trabalho da Maria Cecilia Lustosa Costa “Cemitérios e a espacialização da Morte” de 2003 são trabalhos que vão buscar analisar como os espaços destinados ao descanso eterno de seus mortos estão estruturados e sendo organizados para essas recepções que envolvem não apenas a do morto, mas de todos os familiares e amigos, pois a morte e seus espaços como já foi dito pelo Ariés ultrapassa os espaços da morte e as práticas privadas tornam-se coletivas.

Segundo José Reis, quando em meados do século XIX, foi proibido por questões sanitárias, o enterro de novas pessoas nas igrejas, surgiu uma insurreição popular denominada por ele de Cemiterada, tal evento foi pelos protestos feitos pela população baiana contra o convenio do governo e a implantação de um cemitério privado no município. (REIS,

1991, p.247-248). Essa revolta ocorrida em 1836, em Salvador foi motivada por um desejo de garantir uma vida melhor no outro mundo para seus parentes falecidos.

O episódio da cemiterada, serve bem como ponta para minha pesquisa, apesar de não ter ocorrido em Campina Grande, e sim em Salvador, em 1836 mostra as diferenças de pensamento com relação aos espaços de sepultamentos. A cidade de Campina grande em 2005 recebeu de uma iniciativa privada a construção do primeiro espaço de sepultamento privado do município, o cemitérios Campo Santo Parque da Paz, ao contrario do que ocorreu em Salvador, esse espaço foi muito bem recebido pelos campinenses, principalmente pelas classes mais abastadas da cidade, que viram no local um espaço que daria novos significados para seus entes queridos, lhes atribuindo status social mesmo após sua morte.

O cemitério vem atuando para satisfazer as preocupações dos vivos no acomodamento eternos de seus mortos, e isso é uma preocupação que pertence a todas as sociedades, existem culturalmente socialmente um cuidado e uma preocupação com o espaço da morte. O cemitério privado vem atuando como espaço de sociabilidade, pois fornecem uma rede a aparatos para os vivos é um local de visitação diário, onde são realizadas missas e palestras, foi feito um investimento paisagístico, para dar um ar mais tranquilo e singelo, ao local normalmente ligado a tristeza e sobriedade, disponibilizam de floricultura, lanchonetes, e suítes para descanso dos familiares em ocasiões de velórios. Além de mais recentemente oferecer mais o serviço o de cremação dos corpos, uma novidade que vai trazer novos significados aos rituais fúnebre da cidade, mais que não entrarei no mérito nesse momento. É esses serviços oferecidos que tornam os rituais fúnebres um constante movimento sociocultural, assim como um denota as transformações que esses ritos sofrendo pois até a muito não se tem aquela preocupação com a preparação de seus mortos, os cemitérios ganharam lugares, que antes eram das famílias o de preparação do corpo, antes os cemitérios era para o momento ultimo de despedida, ficando o corpo com os familiares, hoje vemos a exemplo que que constato na cidade de Campina Grande que a morte, esta ocupando mais seu lugar biológico.

A morte passa a se um fenômeno técnico, dos médicos e da equipe hospitalar, não mais da família. Importa agora que se perceba o menos possível a morte ocorrida; manifestações de luto e emoções são condenadas e abolidas; não se tem mais o direito de chorar a perda de entes queridos. A incineração é o meio mais eficaz e radical de fazer desaparecer e esquecer os restos do corpo, de anulá-los. (MARTINS, 1983, p.63)

Uma das formas mais difícil de morrer era de forma repentina, e assim não ter sepultura certa, (Reis 1991, p. 171), e isso ainda é uma preocupação da sociedade no geral, por isso muitas vezes tem-se nos túmulos de família a esperança de um descanso eterno. É nesse sentido que os o espaço privado se colocando a disposição das famílias campinenses, com uma previa contratação, o interessado pode reservar seu lugar de descanso assim como todos os tramitem necessários, e assim evitar ser um transtorno ou peso para seus familiares.

O cemitério, Campo Santo Parque da Paz, investiu em ambientes que possibilitam essa as relações sociais entres os familiares, pois a morte é um acontecimento onde se permitem encontros e reencontro com parentes que a muitos não se viam ou ate mesmo amigos e curiosos, que vão visita-los apenas para vê o ambiente, os lamentos participar de certa forma daquele momento doloroso do quais todos compartilham.

Esta reunião em torno do falecido garante a afirmação do grupo pelo fortalecimento das relações sociais e dos valores, regras e costumes. O sistema cultural de morte configura-se, como uma instituição de coesão social, expressa pela solidariedade entre individuo diante da morte (NEVES, 2004 p.04)

Os ambientes disponibilizados são reflexos de uma sociedade que busca incessantemente, colocasse em posição de solidariedade social diante da dor de uma perca familiar, durante os séculos XIX e XX o acontecimento da morte levam multidões em cortejos aos cemitérios em solidariedade às famílias, era uma dor compartilhada¹, e isso ainda é uma permanencia e a morte não tem classe social, quanto mais “ilustre” é o defunto mais multidão busca seguir o cortejo até os cemitérios, e mesmo esse espaço sendo privado, não priva as visitas dos que por curiosidade ou solidariedade se acheguem até o funeral.

As famílias escolhem o ambiente privado por diversos motivos, entre eles o dos cuidados, oferecidos para que o ritual fúnebre seja organizado sem que traga maiores preocupações, além das afetivas para os que ficam. Outro fato que denota os novos significados que são atribuídos aos cemitérios em particular o espaços privado é a retirada dos restos mortais de familiares dos espaços públicos para túmulos no espaço privado, isso denota que o sepultamento também expressa uma relação de poder social, pois essas retiradas foram feitas pelas famílias mais abastadas da cidade, percebe-se as mudanças sociais acabam sendo “levadas” ou mantidas atreves de seus mortos, pois de acordo com as modificações sociais os

¹ REIS, José João. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: NOVAIS, Fernando. (Org.). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

espaços da morte acompanham e seguem o ritmo estabelecido pelos que vivem e fazem dos cemitérios lugares que vão além de mausoléu e túmulos esquecidos, antes as preocupações era na arquitetura, ornamentação dos túmulos². Hoje as preocupações são com as permanências e visibilidades social que os espaços possam transmitir.

A os túmulos mais antigos dos cemitérios da cidade datam do final do século XIX e início do século XX, pois como já foram falados anteriormente os enterros eram feitos ao lado das igrejas, e afastados dos centros urbanos, mais com os avanços populacional os cemitérios acabaram sendo englobada a paisagem urbana, e recebendo novos significados.

Os espaços privados são em sua organização e arquitetura bastante diferenciados dos espaços públicos, há a ausência de monumentos e obras de artes em cima das sepulturas e, os espaços são uniformizados, em padrões de cemitérios americanos os chamados cemitérios-jardins, esses espaços foram introduzidos no Brasil na década de 1960, as lápides são postas de forma uniforme, com o objetivo de criar uma padronização, buscando acabar com as desigualdade e discriminação entre os homens. (COSTA, 2003; BITTAR, 2008). Mas esses espaços já na sua composição de espaços privados denotam uma representação ligação a uma sociedade privilegiada, visto que nem todos possuem recursos para reservar seu lugar de descanso eterno em um espaço privado.

Os espaços destinados aos cemitérios particulares ganham significados de status social, e fica quase imperceptível essa tentativa em sua arquitetura original de uniformiza-los para acabar com as diferenças sociais e discriminações. Em Campina Grande a chegada desse modelo de cemitérios teve uma ótima aceitação por parte da elite local e classe média, até então o espaços mais privilegiados para o sepultamento de pessoas de alta visibilidade social era o cemitério Nossa Senhora do Carmo (Monte Santo), no local encontra-se algumas figuras ilustre da cidade, e também um grande acervo de túmulos familiares e de investimentos em esculturas, placas de pedras e bronze que dão certo ar diferencial aos túmulos e conseqüentemente uma distinção social, pois mesmo entre os espaços públicos existem uma busca por uma cultura e diferenciação social representada nos mausoléus, túmulos.

² (2) (3) COSTA, Maria Clélia Lustosa. Os cemitérios e a especialização da morte. Revista de Geografia: Recife, UFPE, 1996.

Uma forma de diferenciação social nos cemitérios públicos é a aquisição de terrenos e mausoléus familiares, onde ficam reservados exclusivamente para uma família, quando as familiares cuidam bem e dão importâncias ao que ali já foram sepultados esses mausoléus ultrapassam varias gerações, e sua arte é visitada constantemente. Mas um dos grandes problemas dos cemitérios públicos é a vandalismo com que túmulos e mausoléus são constantemente destruídos ou saqueados, em seu trabalho “arte e sociedade nos cemitérios do Brasil” o Clarival do Prado Valladares demonstra como é a realidade dos cemitérios públicos do Brasil.

A perpetuidade do jazigo da família é uma quimera: depende da vigilância ininterrupta e do custeio dispendioso dos descendentes usuários depende da boa sorte em relação aos vândalos do cemitério, os ladrões de bronze, de mármore, para não falar nos ladrões de dentes de ouro... Depende, até mesmo, do gosto dos herdeiros, pois nem sempre acham bonito o jazigo do vovô e resolvem moderniza-los nos materiais da moda. (VALLADARES, 1972).

O que vemos é que a escolha pelo espaço privado, também levam em consideração esses eventos de destruição e violação de seus túmulos. Em Campina Grande, segundo a escritora Clotilde Tavares, em entrevista a tv Itararé existe um grande arco artístico que ornamentam os mausoléus dos cemitérios públicos de Campina, e a violação e depredação desses patrimônios é uma patricia frequente, mais que os cemitérios públicos expressam um valor cultural e histórico valiosos para a cidade.

Os novos significados atribuídos os espaços da morte não são exclusivos dos cemitérios privados, os espaços públicos, também atuam como espaços de sociabilidade, um simples exemplo disso é a preparação do espaço para o dia de finados, os familiares e os governantes organizam o espaço fazendo reparos, limpeza e pinturas, enquanto as famílias organizam a ornamentação, com coroas de flores jarros e mensagem. Tais preparações denotam que aqueles espaços esta prontos não para os mortos, mais para receber seus vivos.

Em visita aos cemitérios Nossa Senhora do Carmo, e o Campo Santo Parque da Paz na véspera e no dia de finados, pode perceber que o ambiente estava ornamentado para aquele grande dia, as pessoas estavam reunidas em volta dos túmulos a conversarem e rirem, no espaço público estava sentado sobre os mausoléus, os corredores cheios de pessoas a se abraçarem diante de reencontros, enquanto no cemitério privados todos estavam sentados confortavelmente em cadeiras, à sombra de espaçosos guarda-sóis colocados ao lado dos

Jazigos. Os cemitérios vêm ganhando visibilidade como espaços de encontros e reencontros familiares, tornando-se espaços sociais, desde o início do século XX.

Os cemitérios que antes ficavam nas igrejas, e sempre distantes das vilas e cidades como aponta o Ariés, hoje ganham mais espaços e estão constantemente em ligação com os habitantes das cidades, é parte integral do social e cultural, pois as relações estabelecidas com esses espaços constroem e ajudam a contar um pouco da história de um determinado local. “A organização, conseqüente reorganização, do espaço de uma cidade acontece constantemente. Essas transformações podem acontecer como modificações rápidas ou lentas, e estão sempre ligadas a mudanças na cultura e identidade de um povo” (BONJARDIM, 2010p. 03). E entre essas mudanças estão os novos significados atribuídos aos cemitérios, pois desde a antiguidade o homem se preocupa com seu lugar de descanso, e os cemitérios eram vistos como a primeira moradia certa de um homem.

Os campinenses estão atribuindo importância tanto histórica quanto sociocultural aos cemitérios sejam eles públicos ou privados, pois como disse o João José Reis, a morte é uma festa, pois esta ligada aos aspectos socioculturais que envolvem seus ritos e signos e a escolha do local do “bem morrer”.

Minha inquietude em analisar os novos significados atribuídos aos cemitérios de Campina Grande, assim como a análise da recepção de um espaço novo e diferente por ser de uma iniciativa privada, veio a partir de uma conversa com a professora Maria Giseuda, durante a apresentação de um seminário, da disciplina Brasil I, na qual foi trabalhado o livro do historiador João José Reis, (*A morte é uma festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX*). Iniciei nossa pesquisa no final de 2014, como o professor José do Egito, como o mesmo deve que se ausentar da instituição, em virtude de seu doutorado, então dei continuidade a minha pesquisa como o Professor Bruno Gaudêncio.

Nossa pesquisa concentrou-se em analisar trabalhos feitos sobre a morte, e seus espaços, procurei analisar as ressignificações feitas ao longo do tempo com relação aos cemitérios, como fonte utilizei de algumas bibliografias, e artigos disponíveis na internet. Utilizei também observações que fiz durante visitas aos cemitérios nos dias de finados do ano de 2014 e 2015, no qual analisei os comportamentos e significados que aquelas pessoas expressavam do local onde estavam.

Analisei algumas entrevistas a respeito das preparações dos cemitérios para acolher os visitantes durante esses dias, dadas à emissora tv Paraíba, no dia 26 de outubro de 2015 e também uma entrevista dada ao programa Diversidade da emissora Itararé, sobre as artes fúnebres, dos cemitérios de Campina Grande.

Durante minhas visitas ao cemitério público tirei fotografias, que mostram o interior dos espaços, seus mausoléus, túmulos, lápides e jazigos, e como as pessoas que visitam os cemitérios se inserem naqueles espaços. Em vista também ao espaço privado tirei fotos dos ambientes que o cemitério disponibiliza para as pessoas, e também do vasto campo cheios de lápides, que o espaço dispõe.

Nossa pesquisa baseou-se na observação das relações estabelecidas entre a sociedade e os cemitérios, assim como as mudanças de um espaço público para um espaço privado, os novos ambientes introduzidos dentro dos cemitérios para acomodar os familiares, a ornamentação, e os diversos discursos feitos a parte de trabalhos de analisaram como os cemitérios são historicamente e culturalmente interligados ao social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da minha pesquisa, observações, e análise de vários autores, posso concluir que os cemitérios, estão atuando como espaços de sociabilidade, uma vez que os mesmo estão ligados ao cotidiano das cidades e revelando-se ser muito mais do que apenas um local onde sepultam os mortos, um ambiente antes visto como macabro obscuro e assombroso, mas que está recebendo novos significados, o de lugar cultural, histórico e também sem deixar seus sincretismos de lados locais de repouso eternos.

Os cemitérios, atuais estão revestidos de sentidos culturais e sociais, as pessoas não escolhem o local de sepultamento de seus mortos, apenas pensando no depósito de seus corpos, mais também nas relações laterais, coexistentes entre os que vivem, tanto que os espaços privados investem em tecnologia, paisagismo, e conforto para os familiares, pois a morte é um evento, e esse acontecimento é presenciado por uma sociedade inteira resistida de valores sociais, nos cemitérios públicos, busca se diferenciar os túmulos pela ornamentação, as artes, pedras de mármore, estátuas e esculturas de bronze, mostra que aqueles mausoléus pertencem a uma família abastada, todos esses signos que são utilizados mostram que o conceito de

cemitérios extrapola o de sepultamento de cadáveres e passa e apresentar mais significados para os vivos do que para os que ali descansam o sono eterno.

Minhas considerações sobre a introdução de um cemitério privado na cidade é que se apresentou com solução para um problema da classe mais abastada, uma vez que os já lotados cemitérios públicos não apresentavam o conforto e a segurança que o espaço privado disponibiliza, além da visibilidade social, pois uma cidade e seus espaços urbanos são construídos a partir de restrições feitas pelos seus habitantes, e um cemitério não fica distante dessas colocações.

Um cemitério faz parte do imaginário social, da construção de uma história local, os cemitérios há muito tempo são considerados espaços de sociabilidades, pois as relações estabelecidas no interior de seus muros ultrapassam os sentidos da morte, ou secretismos religiosos, em um cemitério é possível perceber uma soma de diversidade, seja ela cultural, social ou religiosa, seus túmulos, lápides e mausoléus falam por si sozinhos, revelando aspectos daquela sociedade. Sua própria conjuntura representa esse aspecto social.

O que mais expressa um caráter, de espaço social é o simples fato de serem espaços coletivos, qualquer pessoa pode entrar para visitar um cemitério, mesmo que sejam em um espaço privado, não existem restrições quanto à entrada nesses locais, pois ele é essencialmente um espaço coletivo.

Os campinenses que no início do século XX, viram no abandono do cemitério das Boninas, e na transferência de seus mortos em um amontoado de barris um ato de desrespeito com seus mortos, podem atualmente escolher entre os sete cemitérios públicos disponíveis na cidade, além de um cemitério particular, que vem nessa última década ganhou muita visibilidade, por apresentar um espaço dinâmico e confortável, não somente para os mortos, mais principalmente para os vivos cidadãos campinenses.

Cemitério é acima de tudo um palco de encontro e reencontros, de pessoas, culturas, e ideologias, tais ambientes são revestidos de sentidos de sociabilidade impostos pela sociedade.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARIÈS, Philippe. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BONJARDIM, S. G. M.; BEZERRA, D. C. Lápides, Ossos e Miasmas: A Reinvenção da Morte. Anais do 4º Workshop Arqueológico. São Cristóvão: UFS/ MAX/PETROBRAS, 2006, p.225-234.

COSTA, Maria Cecília Lustosa. Os cemitérios e a espacialização da morte. In: ALMEIDA, M. G. e RATTS, A. J. P. (orgs.) Geografia: Leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, José de Souza. (Org.) A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo: Hucitec, 1983, p. 63.

NEVES, Ednalva Maciel. Alegorias sobre a morte: a solidariedade familiar na decisão do lugar de “bem morrer”. Caderno Pós Ciências Sociais. São Luís/MA, v. 1, n. 2, ago.-dez., 2004.

REIS, João José: A morte é uma festa, ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX, São Paulo, CIA das Letras, 199.

(reportagem publicada no jornal da Borborema em 2011).

VALLADARES, C. do P. Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/MEC, 1972.

Fontes:

<http://camposantoparquedapaz.com.br/oCemiterio.aspx> acessado em abril de 2016.

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/11/o-historico-livro-de-elpidio-de-almeida.html#.VzBwndIrLrc>. Acessado em fevereiro de 2016.

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=Cemit%C3%A9rio#.VyzMvtIrLrd>. Acessado em fevereiro de 2016

http://www.alegrar.com.br/revista15/pdf/memorial_de_leitura_ventura_alegrar15.pdf acessado em abril de 2016

<http://www.lenildoferreira.com.br/2011/03/um-cemiterio-de-historias-vivas-monte.html> acessado em fevereiro de 2016

http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_10_SOLIMAR_GUINDO_MESSIAS_BONJARDIM_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf acessado em julho de 2015

<http://www.uneb.br/gestec/files/2011/10/74892255-A-Invenc-a-o-do-cotidiano-Michel-de-Certeau.pdf> acessado em julho de 2015

http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/revista_agcrj_pdf/revista_AGCRJ_N_5_2011.pdf
acessado em maio de 2016.

<https://books.google.com.br/books?id=Kqp1awQ-RCsC&pg=PA27&lpg=PA27&dq=quando+foi+lançado+o+homem+diante+da+morte+de+Artes&source=bl&ots=1> acessado em abril de 2016

<https://urbanizar.wordpress.com/2011/07/19/resumo-certeau-michel-a-invencao-do-cotidiano-artes-de-fazer-petropolis-vozes-1994> acessado em julho de 2015

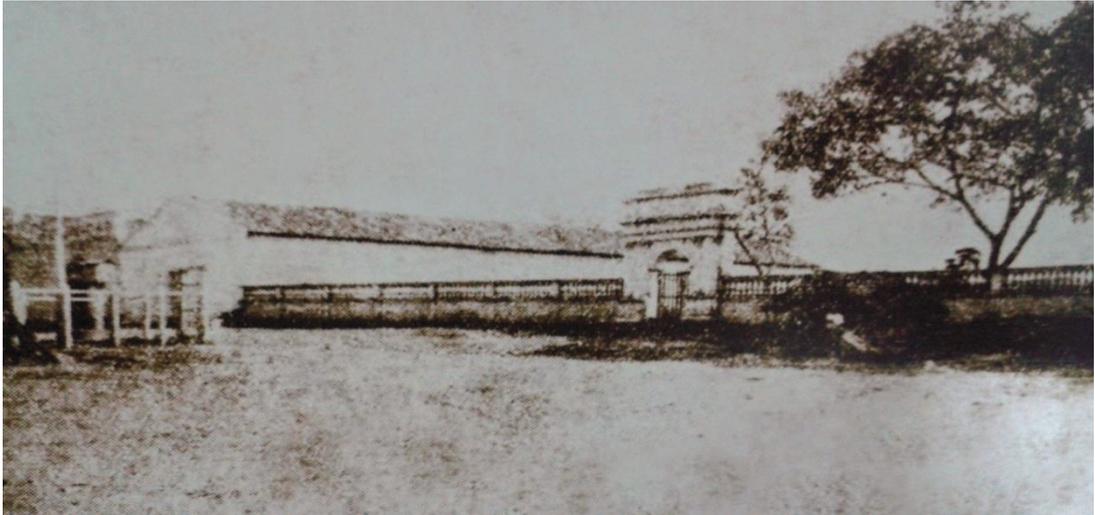
ANEXOS



Campo das lápides- cemitério Campo Santo Parque da Paz.



Cúpula do Jardim. -cemitério Campo Santo Parque da Paz.



Cemitério das Boninas 1920-(Acervo de Professor Mario Vinicius Carneiro) utilizado pelo Blog Retalhos de Campina Grande.



Cemitério do Monte Santo





Auditório do cemitério
Campo Santo Parque da
Paz.

Campo de Lápides, com visitas no
dia 02/11/2014. Cemitério Campo
Santo Parque da Paz.



Lanchonete do
cemitério
Campo Santo
Parque da Paz